

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

KENNEDY ROBINSON
ALVES DA SILVA

**RACISMO ESTRUTURAL: IMPLICAÇÕES NA SAÚDE MENTAL DA PESSOA IDOSA
NEGRA**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2022

KENNEDY ROBINSON ALVES DA SILVA

**RACISMO ESTRUTURAL: IMPLICAÇÕES NA SAÚDE MENTAL DA PESSOA IDOSA
NEGRA**

Trabalho de Conclusão de Curso –
Artigo Científico, apresentado à Coordenação
do Curso de Graduação em Psicologia do
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em
cumprimento às exigências para a obtenção do
grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Larissa Maria Linard Ramalho

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2022

KENNEDY ROBINSON ALVES DA SILVA

PESSOAS TRANS E TRAVESTIS NA ESCOLA: Relações diante dos impactos psicossociais no espaço educacional

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 05/12/2022

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Raul Max Lucas da costa

Membro: Profa. Dr. Moema Alves Macedo

Membro: Prof. Prof. Me. Larissa Maria Linard Ramalho

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2022

RACISMO ESTRUTURAL: IMPLICAÇÕES NA SAÚDE MENTAL DA PESSOA IDOSA NEGRA

Kennedy Robinson Alves da Silva¹
Larissa Maria Linard Ramalho²

RESUMO

Este artigo investiga a relação do racismo estrutural, gerontofobia e necropolítica atrelando a isso a vivência do idoso negro. Assim, parte-se do pressuposto de que há uma negação histórica sobre o racismo no Brasil logo as discussões a nível acadêmico sobre a temática são escassas se fazendo necessário ater-se sobre a problemática já que a sociedade brasileira está envelhecendo. Para mais, como objetivo geral perfila-se a relação entre gerontofobia e saúde mental. Em interface a isso apresenta-se como objetivos específicos: como o idoso Negro vivencia esta etapa do desenvolvimento? quais são as peculiaridades para o recorte. Como justificativas os impactos sociais e o baixo número de pesquisas com recorte escolhido. Além Logo, compreende-se racismo estrutural de maneira geral com o favoritismo de alguns grupos em detrimento a outros isso percorre todo o desenvolvimento do negro. Os resultados alcançados mostram que a estrutura na qual o negro foi marginalizado denota a ausência de uma vida idosa ideal, sendo marcada com problemas de saúde mental e falta de acesso a direitos básicos.

Palavras-chave: Gerontofobia. Racismo Estrutural. Racismo. Idoso Negro. Velhice.

ABSTRACT

This article investigates the relationship between structural racism, gerontophobia and necropolitics, linking to this the experience of the black elderly. Thus, it is assumed that there is a historical denial of racism in Brazil, so discussions at the academic level on the subject are scarce, making it necessary to focus on the problem since Brazilian society is aging. Furthermore, as a general objective, the relationship between gerontophobia and mental health is profiled. In interface with this, the following specific objectives are presented: how does the elderly Black person experience this stage of development? what are the peculiarities for clipping. As justifications, the social impacts and the low number of researches with chosen clipping. In addition to. Soon, structural racism is understood in a general way with the

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email:kennedyrobson150@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email:larissaramalho@leaosampaio.edu.br

favoritism of some groups to the detriment of others that runs through the entire development of the black person. The results achieved show that the structure in which blacks were marginalized denotes the absence of an ideal elderly life, being marked by mental health problems and lack of access to basic rights.

Keywords: Gerontophobia. Structural Racism. Racism. Black Elderly. Old age.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, a sociedade brasileira apresenta uma mudança etária na população manifesta no público idoso. Assim sendo, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) expôs que a população brasileira no ano 2012 manteve a tendência de envelhecimento populacional, apresentando 4,8 milhões de idosos. Dessa maneira, conforme os dados das Nações Unidas (2017), o principal motivo do aumento da expectativa de vida se dá em consequência dos avanços da medicina.

No entanto, conforme Camarano e Kanso (2013), a velhice pode ser percebida como individual e complexa, ou seja, não é vivenciada e percebida da mesma maneira e está correlacionada com diversos fatores socioculturais e históricos que demarcam como cada sujeito experiência esta etapa do desenvolvimento humano em outros termos heterogênea. Posto isso, Santos, Lopes e Neri (2007) argumentam que os efeitos advindos do racismo geram efeitos perversos no desenvolvimento da população preta, relacionados a conjuntura socioeconômica, relação sociais e acesso a políticas públicas.

Como abordado de maneira breve, a etapa da velhice é vivenciada de maneira distinta em diferentes culturas. Embora a cultura asiática, apresente nuances e além de constituir-se como uma cultura vasta, em determinadas espaços há a crença que o idoso é um sujeito detentor de sabedoria, em contraponto a isso no Brasil o idoso ocupa o lugar de cristalização em que o sujeito não exerce algumas funções que eram realizadas anteriormente, ocasionando em estigmas sociais e posteriormente sofrimento.

Além disso, Almeida (2018) afirma que a estrutura de dominação racista em que a sociedade brasileira foi constituída em que determinados grupos são superiores a outros logo, apresentam maiores privilégios sociais. Portanto, através das problemáticas descritas: quais os impactos do racismo estrutural na saúde do idoso negro?

A justificativa para este estudo transcorre pelo baixo número de pesquisas relacionada a temática, principalmente com o recorte de raça. Em concordância a Smolen e Araújo (2017), poucos estudos relacionam o recorte raça/cor com saúde mental. Além disso, o impacto social vivenciado pela população estudada se apresenta como justificativa.

Ademais, o interesse na temática dá-se antes de tudo pelo concludente reconhecer-se enquanto negro, processo que o acompanhou em todo o processo da graduação; em segunda instância pelo desejo de aprofundamento para com a temática pouco explorada na graduação já que a mesma é exposta de maneira homogênea.

Referente a importância para o meio acadêmico, explorar a partir do recorte de raça as peculiaridades, da temática para com o público mencionado assim como encontrar informações pertinentes para futuras teses para desenvolvimento de pesquisas de campo. Perante a isso, como objetivo geral a pesquisa compreender a relação entre gerontofobia e sofrimento mental da pessoa idosa negra. Como objetivos específicos: em que condições sociais o idoso negro alcança este estado do seu desenvolvimento? Assim como: quais são peculiaridades para com recorte de raça?

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa exploratória de cunho qualitativo. A construção do trabalho se deu a partir de seleção de matérias nos quais dialogassem com a temática, posteriormente foi realizado fichamento do material para auxiliar na escrita. A pesquisa exploratória se caracteriza pelo tripe: “1) a aprendizagem se realiza quando parte do conhecido; 2) deve-se buscar sempre ampliar o conhecimento e 3) esperar respostas racionais pressupõe formulação de perguntas também racionais. (PIOVESAN,1995, p. 322).

Para mais, o estudo exploratório tem como objetivo conhecer a variável estudada dessa forma, escolheu-se o método devido a temática estudada apresentar-se como campo novo nas áreas de ciências humanas. Outro objetivo do método é mostrar a realidade de forma verídica.

Ao que se refere a base dados foram utilizados: Google acadêmico, BVS PSI, Schiello, PePSIC, assim como livros físicos e dados do IBGE. Como critério de inclusão, publicações dos assim como a articulação dos termos velhice, saúde mental, terceira idade, racismo. Por fim, como critérios de exclusão, publicações e acervos com mais de 10 anos assim como, publicações com quaisquer línguas estrangeiras e por fim, pesquisas que não abordam as palavras chaves.

3 APECTOS GERAIS SOBRE O IDOSO E A GERONTOLOGIA

Segundo dados do IBGE (2022), houve um aumento significativo da população idosa no Brasil. No ano de 2021, essa população representava 14,7% da população brasileira sendo em números: 31,2 milhões. Conforme Castro et. al (2018), o envelhecimento da população aponta para a necessidade da ampliação de estudos para compreender anseios dos idosos assim como amplificar o acesso de políticas específicas para este segmento social. Neste sentido, a gerontologia, apresenta-se como ciência para tratar a temática.

Segundo Maria (2020), a gerontologia é um campo amplo, é responsável por estudos sobre a velhice e estabelecer conceitos gerais sobre a temática. Em consonância a isto, o termo geriatria foi utilizado em um primeiro momento pelo médico americano Ignatz Leo Nascher em 1909, o mesmo apresentava a visão de que doença e velhice seriam sinônimas, dessarte: “Tanto Nascher como os predecessores franceses voltaram-se mais para as patologias da velhice do que seu tratamento” (Maria, 2020, p. 27). Ainda conforme a autora, entre 1930 e 1940 nasce a gerontologia social em decorrência singularidade que a vida idosa trouxe e a necessidade de estudos voltados para esta etapa da vida. Á vista disso, o estudo para com a velhice trata-se de um movimento recente em que devido ao avanço da medicina houve aumento na expectativa de vida. Para mais, a separação do estigma idoso e doença corroborou para amplitude das discussões e estudos para com a temática de maneira ampla, ainda que hajam ressalvas para com cada recorte desta população, sendo que ainda existe processos de biomedicalização em que se faz necessário ater-se também para aspectos subjetivos. Para mais:

“Dessa forma, a gerontologia é uma disciplina multifacetada, já que o envelhecimento exige uma composição biopsicossocial, que, embora se pretenda compreender o indivíduo em sua integridade, mostra-se descritiva e parcial pela predominante biomedicalização da velhice. Assim pode-se notar, na perspectiva da gerontologia, uma verticalização do saber, em que o saber médico se apresenta como valor predominante em relação aos saberes de outras disciplinas” (MARIA, 2020, p. 282).

Assim sendo, entende-se o processo de envelhecimento como inerente ao desenvolvimento humano. Conforme Papalia (2013), existem dois tipos de envelhecimento: primário e secundário. Sendo o primeiro um processo natural e inevitável, trata-se da deterioração física que começa desde o nascimento e discorre através do desenvolvimento. Em outros termos, é inevitável. Ao que se fere ao segundo, é relacionado a doenças, abusos e maus hábitos. Dessa forma, são situações que podem ser evitadas; para mais, a autora pontua que existem três grupos de adultos velhos: o idoso jovem (entre 65 e 74 anos), o idoso idoso (entre 75 e 84 anos) e o idoso mais velho (85 anos em diante). Outrossim, de acordo com Correia apud Concone (2012), existem diferenças entre velhice e envelhecimento, sendo que a primeira é um

construto social que demarca o que é ser idoso e o segundo refere-se a um marcador biológico.

Dessa forma, este recorte do desenvolvimento humano é acompanhado de diversos estigmas sociais, logo, no âmbito do sistema capitalista o “ser velho” é definido como um não lugar já que se configura como um corpo sem utilidade. Acordante a Mariane e Jaílson (2017), as concepções de velhice são resultadas de construções sociais e temporais enviesadas em valores e princípios próprios que “são atravessadas por questões multifacetadas, multidirecionadas e contraditórias” (p. 02), dessa forma:

“A sociedade determina o lugar do velho e ele o assimila por uma via que beira o espontâneo [...] A nomeação da velhice revela a sua complexidade e particulares significações em relação ao campo social. O termo “velho”, na nossa sociedade, tem caráter pejorativo associado à inutilidade[...] O termo “idoso” refere-se a uma expressão anônima que designa uma categoria social generalizada associada ao estatuto político e econômico” (MARIA, 2020, p. 15).

Em consonância à Maria (2020), a velhice se apresenta nas sociedades como categoria universal viesada no aspecto biológico. Embora o aspecto biológico deva ser abordado, cada sujeito vivenciará esta etapa de maneira subjetiva sendo tal aspecto avaliado com outros recortes, logo, estudos para com o público devem ser correlacionados ao contexto social e econômico assim como os recortes de raça, gênero e regional (PAPALIA, 2013). Segundo Teixeira et. al (2015), embora o envelhecimento se apresente de maneira cronológica aos 60 anos, existem fatores que independem do estado biológico como o social e o psicológico, logo possuem suas peculiaridades de acordo com o contexto inserido. Neri (2002) corrobora com o aspecto heterogêneo da velhice, já que a enxerga

“...como uma sequência de mudanças naturais previsíveis, com repercussões orgânicas e psicossociais que ocorrem através do tempo. Entretanto, essa experiência se dá de forma heterogênea, já que pode ocorrer de modo diferente para indivíduos que vivem em contextos históricos, sociais e culturais distintos.” (p. 28)

Logo, desenvolver pesquisas que tragam aspectos sociais do que é envelhecer no país assim como seus impactos torna-se necessário já que, conforme Hoffman (2017), até 2050 a população brasileira terá em sua configuração social cerca de 30% da população com 65 anos ou mais, portanto “ter mais anos de vida é uma conquista, mas também um desafio, uma vez que traz mudanças na organização da sociedade.” (FERNANDES; COSTA, 2015, p. 81).

4 RACISMO À BRASILEIRA: RAÇA E NECROPOLÍTICA

A priori, é importante salientar que o racismo em que a sociedade brasileira foi

constituída marca historicamente o lugar de subalterno do negro. De acordo com Munanga (2017), o Brasil é marcado pela ambiguidade ao se tratar da temática dado que, embora o assunto tenha perpassado pelo processo de mutação pós escravidão, principalmente nas esferas discursivas, sociais e econômicas não há consenso a nível social se o racismo existe ou não; o autor pontua que persevera-se o discurso da negação, quando o brasileiro é questionado sobre tal realidade “para muitos, ainda, o Brasil, não é um país preconceituoso e racista sendo a discriminação sofrida por negros e não brancos, em geral, apenas uma questão econômica ou de classe social, sem ligação com os mitos de superioridade e inferioridade raciais.” (MUNANGA, 2017, p. 34).

Ao que se refere a necropolítica, Mbembe (2016) através da análise do filósofo Michel Foucault, entende-se a problemática a partir do biopoder no qual o Estado define quem deve viver ou morrer, à grosso modo de maneira velada. Assim sendo, o biopoder nasce junto a modernidade com o intuito de controlar a população, em determinadas sociedades, entende-se o poder posto aqui como não centralizado, mas em rede. Almeida (2021) aponta que as redes de controle são vistas em instituições (escola, hospício, família, presídio e universidade). Logo:

“Na formulação de Foucault, o biopoder parece funcionar mediante a divisão entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer. Operando com base em uma divisão entre os vivos e os mortos, tal poder se define em relação a um campo biológico- do qual toma o controle e no qual se inscreve. Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma censura biológica entre uns e outros.” (MBEMBE, 2016, p. 128).

Michel Foucault (2001) aponta que para além do controle, o biopoder apresenta também o objetivo de docilizar corpos de tal modo que estes corpos se façam uteis para o sistema capitalista. Além disso, em termos de biopolítica no pensamento foucaultiano há a tentativa por parte do Estado de melhorar qualidade de vida da população logo “ a biopolítica – por meio dos biopoderes locais – se ocupará, portanto da gestão da saúde, da higiene, da alimentação, da sexualidade, da natalidade”, enfim, esses aspectos da vida tornam-se questões políticas” (REVEL, 2005 p. 26). Logo, há uma política do “*fazer viver e deixar morrer*” o que ressalta a tentativa da manutenção da vida através de políticas públicas, no entanto, observa-se uma passividade para com alguns grupos já que, conforme Simões (2021) conjuntamente com a necessidade de fazer a população viver existe outro viés de negligenciar e deixar outros morrerem, ou seja, o Estado também assume o lugar de enviar que devem morrer dessa forma, Mbembe cunha o termo necropolítica para discutir genocídio da população negra e ausência de acesso a direitos básicos. O autor pontua que:

“[...] no contexto da colonização, figura-se a natureza humana do escravo como uma sombra personificada. De fato, a condição de escravo resulta de uma tripla perda: perda de um “lar”, perda de direitos sobre seu corpo e perda de status político. Essa perda tripla equivale à dominação absoluta, alienação ao nascer e morte social (expulsão da humanidade de modo geral).” (MBEMBE, 2016, p. 131).

Logo, o autor cita três mecanismos de articulação da necropolítica que são: assassinato, racismo e suicídio. Assim sendo, os pilares demarcam a maneira de como a população preta se constitui.

Outrossim, é necessário caracterizar o racismo e suas nuances no Brasil. A priori, sobre as discussões de raça, Oliveira (2021) aponta que do ponto de vista biológico o construto “raça” é uma falácia já que, não existe indícios que comprovam tal preposição. A justificativa para a criação do termo se dá antes de mais nada para legitimar a ideia de “desumanidade”, uma vez que: “Desse modo, ficaria mais fácil legitimar a violência e opressão empregadas a alguns grupos étnicos e garantir a hegemonia de grupos majoritários de poder” (p. 90). Em consonância a Mbembe:

“[...] mais do que o pensamento de classe (a ideologia que define história como uma luta econômica de classes), a raça foi a sombra sempre presente sobre o pensamento e a prática das políticas do Ocidente, especialmente quando se trata de imaginar a desumanidade de povos estrangeiros- ou dominá-los. Referindo-se tanto a essa presença atemporal como ao caráter espectral do mundo da raça como um todo, Arendt localiza suas raízes na experiência demolidora da alteridade e sugere que a política da raça, em última análise, está relacionada com a política da morte.” (MBEMBE, 2016, p. 128).

Isto posto, se pode inferir que a política de raça está interligada integralmente com a política higienista/ morte, ou seja, com a Necropolítica. Dessa forma, o racismo é um fenômeno presente em diversas sociedades sendo que cada uma apresenta suas próprias peculiaridades.

Outrossim, o Brasil em sua configuração histórica se caracteriza a partir da negação do que seria episódios ligados ao racismo e problemas identitários em que de maneira complementar apresenta-se como negação de si. Conforme Munanga (2017), a palavra racismo traz consigo várias histórias e percursos que dependem de cada recorte social e estruturas de poder que a praticam, no entanto, a semelhança se apresenta na lógica de hierarquização dos “outros” em que este lugar é demarcado pela “raça”, termo utilizado para expor o não lugar dos sujeitos já que “a raça não existe e, conseqüentemente, que são absurdas as crenças baseadas na superioridade e inferioridade raciais dos grupos humanos” (Munanga, 2017, p. 33). Para mais, o autor aponta que mesmo com o avanço da educação e da ciência o racista não recua diante da problemática já que de maneira macrossocial o racismo é mantedor do capitalismo, logo, resolver a problemática seria utópica pois favorece determinados grupos em detrimento a

outros.

Ao que se refere ao problema identitário no Brasil e posteriormente a negação do “ser negro” no Brasil é importante analisar que na primeira metade do século XX, foi criado um projeto higienista em que se esperava que até metade dos anos 2000, a população negra seria extinta do país com as justificativas de que o negro teria o Q.I baixo e que o Brasil deveria se tornar vistoso para os imigrantes. Em consonância a Panta e Pallisser (2017), perante o contexto descrito, no qual o negro foi visto como principal atraso na tentativa da construção de uma identidade brasileira assim sendo, a política social da época para lidar com a problemática foi:

“Tentou-se absorver membros de grupos étnico raciais distintos no segmento étnico racial socialmente dominante, buscando-se a homogeneidade por intermédio da miscigenação e da assimilação cultural. Em suma, buscou-se unificar diferentes identidades presentes na identidade nacional, em construção, obedecendo-se ao ideário do branqueamento. O que se almejou foi o embranquecimento físico e cultural do povo brasileiro e, simultaneamente, a extinção do contingente populacional negro.” (PANTA; PALLISSER, 2017 p. 119).

Consequentemente, tal projeto reverbera até os dias atuais em que Munanga (1998), aponta que o negro foi socialmente prejudicado já que sua identidade foi estabelecida por um “outro”, em que, é marcada por diversos estigmas sociais que “impactam todas as esferas de sua vida social: trabalho, educação, habitação, representatividade, entre outras” (PANTA; PALLISSER, 2017 p. 120). Fanon, em *Peles Negras e Máscaras Brancas*, publicada em 1952, mostra-se extremamente atual perante a temática, embora tenha construído seu pensamento a partir de sua experiência na cultura Europeia, há um ponto que pode-se associar com a realidade brasileira já que, teórico pontua que a partir do lugar de raça o branco impôs um desvio existencial pois nega-se a própria cultura e a própria identidade. Assim, “depararem-se com indivíduos visivelmente negros que se identificam como brancos ou recorrem a qualquer outra definição próxima da ideologia dominante” (PANTA; PALLISSER, 2017, p. 124). Logo, essa tentativa de negação, e afastamento de si, configura-se como uma falha tentativa de sobrevivência perante uma realidade opressora e violenta. Desta forma, a raça tem a serventia dentro destes termos para “garantir o funcionamento das normas sociais” (GUIMARÃES, 2012, p. 52).

Por fim, “a violência constituída ao longo do tempo para com o negro visa, de forma velada, a apagá-lo e a desumanizá-lo como uma forma de limpeza social. A vida negra em si é uma grande luta política frente à estrutura de poder na qual a sociedade está imersa” (WERNECK apud FIRMINO, 2016 p. 206).

5 GERONTOFOBIA E RACISMO ESTRUTURAL: IMPLICAÇÕES NA SAÚDE DA PESSOA IDOSA NEGRA.

Conforme Meirelles apud Pinto (2020) a gerontofobia trata-se do medo desproporcional do processo de envelhecimento, ódio para com as pessoas idosas ou a negação do próprio envelhecimento, assim sendo, o termo velhice carrega consigo pilares negativos e pejorativos que corroboram para o medo da população envelhecer em que se vincula o público a inutilidade. De acordo com Sampaio (2017), o termo se relaciona com um quadro de fobia específica em que se caracteriza a aversão a velhice, desse modo existem discussões para que se caracterize como “uma nova patologia da ciência psiquiátrica” (p. 812). No entanto, não há descrições nos manuais diagnósticos até o momento. Para culminar, Meirelles (2020) disserta sobre os mitos e os medos do envelhecimento:

“A Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, em sua página, aponta até 10 mitos sobre o envelhecimento como elementos ansiogênicos e geradores do medo de envelhecimento, ou seja, uma representação fantasiosa. Cita que a demência é apontada como parte inevitável do processo de envelhecimento; que após os 50 anos é tarde demais para fazer exercícios; que não existe vida sexual na terceira idade; que envelhecer é deprimente; e que as mulheres são as que mais temem o processo de envelhecimento. O mito surge abrangendo a totalidade que a consciência não apreende, simbolizando a fim de sintetizar as profundezas das aspirações humanas rumo ao absolutismo, necessidade de transcendência e plenitude, sendo uma garantia de justificar questões emocionais, ou seja, atribuindo função ao objeto.” (MEIRELLES, 2020, p.200).

Porém, embora haja estudos que relacionem o medo de envelhecer a possíveis patologias é necessário relançar a temática relacionando-a concepções sociais já que os estigmas entorno da temática são cristalizações sociais, assim sendo, o instituto QualiBest (2014-2015) realizou uma pesquisa intitulada: “Envelhecer sem Vergonha, qualidade de vida não tem idade” em que participaram pessoas na faixa etária de 18 até 61 anos com a amostra de 989 pessoas mostrou que 90% dos brasileiros apresentaram medo de envelhecer, sendo que 9% responderam o contrário e 1% não souberam responder. No entanto, as respostas postas pelos entrevistados reforçaram o estigma negativo da velhice sendo que, 57% afirmaram que pessoas idosas são mais teimosas e 33% responderam que idosos são impacientes.

Isto posto, tomando em consideração que a sociedade de modo geral se apresenta individualista, pouco solidária e exibicionista fruto do sistema neoliberal na qual o envelhecimento é acompanhado de valores negativos conforme, (Castro; Nascimento e Cristina. 2018) o medo de envelhecer provavelmente interligue-se com receio de não se apresentar como um sujeito produtivo já que “Se gerontofobia é o medo de envelhecer, podemos associá-lo a insegurança relativa à assistência e apoio familiares e sociais,

especialmente, se comparado a pessoas ao seu redor que tenham dificuldades para estes enfrentamentos”. (p. 29).

Fazendo uso do recorte raça e o contexto da gerontofobia com intercessões sociais é possível traçar um paralelo com a temática com o racismo estrutural ou institucional. Dessa forma, Almeida (2018) define que tal estrutura é enraizada na cultura em que existe favoritismo de alguns grupos em detrimento a outros, ademais “é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender ao grupo racial ao qual pertençam” (ALMEIDA, 2018, p.25). Ainda segundo o autor o racismo é institucionalizado no imaginário nacional, em função de os estudos relacionados a desigualdade racial foram empregues para fundamentar a inferioridade da população preta, não sendo utilizados para questionar a situação dos negros ou tecer críticas a isso. Dito isso:

“Assim, detêm o poder os grupos que exercem o domínio sobre a organização política e econômica da sociedade. Entretanto, a manutenção deste poder adquirido depende da capacidade do grupo dominante de institucionalizar seus interesses, impondo a toda a sociedade regras, padrões de conduta e modos de racionalidade que tornam ‘normal’ e ‘natural’ o seu domínio” (ALMEIDA, 2018, p. 31).

De acordo com Minayo (2000), a qualidade de vida é uma construção social já que há vários significados, experiências e valores, além disso, é alicerçado pelo tripé: histórico, cultural e classe social. Isto posto, ao que se refere ao recorte de raça conforme Santos, Lopes e Neri (2017), os efeitos advindos do racismo geram efeitos perversos no desenvolvimento da população preta, relacionados a conjuntura socioeconômica, relações sociais e acesso a políticas públicas. Dessa forma os efeitos a nível prático das problemáticas de acordo com Smolem e Araújo (2017), é o alto risco de doenças psíquicas e físicas em razão das diferenças sociais em qual são submetidos. Segundo Rabelo et al. (2018) os idosos negros apresentam predominantemente no Brasil, recortes sociais de baixa, renda, escolaridade, analfabetismo e mortalidade. Consequentemente:

“A velhice negra de hoje foi formada a partir de constituições desproporcionais; logo, entende-se que tal parcela corrobora a ideia de que o processo de envelhecimento é multideterminado. Fica claro que a complexidade da velhice não se resume apenas em meras junções de elementos, pois, a chegada do negro à velhice depende de inúmeras variáveis, principalmente de condições materiais objetivas. Desse modo, ao refletir sobre o histórico desigual no qual a população negra se findou durante toda a vida, indiscutível que seu envelhecimento também será vivenciado de maneira desigual” (FIRMINO, et al, 2018, p. 208)

Em consequência a isso, o racismo em que o público é exposto o acompanham durante

a vida idosa já que, conforme Rute apud Lopes (2020) os efeitos da problemática são diversos nas várias fases do ciclo da vida “podem ser evidenciados a partir da análise de aspectos das relações interpessoais, da situação socioeconômica, das condições de vida, da participação no mercado de trabalho e do acesso aos equipamentos sociais” (p.26).

Por conseguinte, em consonância a Ferreira (2021), a maioria da população brasileira é preta, no entanto entre os idosos é minoria logo “o Brasil é negro, mas o envelhecimento é branco”. Em concordância, Inês e Silva (2017) pontuam que o envelhecimento é uma conquista que não alcança toda a sociedade já que, em territórios de concentração de maioria negra existe um número baixo de pessoas idosas. Deve-se salientar que o baixo número de idosos negros também perpassa pela violência em que os negros são submetidos diariamente, pois o número de mortes segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022) é alto representando 77,6% dos homicídios dolosos e 84,1% vítima de mortes através da polícia.

Dessa forma denota-se que os preconceitos de raça que se infere ao público são perceptíveis no tratamento desigual, restrição de oportunidades e acesso a saúde. Conforme Santos, Lopes e Neri (2017) ao que se refere a saúde mental da população observa-se a prevalência de sintomas depressivos representando 52,8% em comparação aos não brancos (SMOLEM; ARAÚJO, 2017). Conforme Santos (2017), há uma prevalência nos índices de morte da população idosa negra, fruto da ausência de políticas de promoção de saúde mental voltadas para o público.

Portanto, em concordância a Rute (2020) a velhice negra tem sua trajetória marcada pelos aspectos do racismo estrutural, aspectos estes que iniciam na infância e reverberam na vida idosa, sendo que o público negro atingir esta fase do desenvolvimento é um desafio logo, “é inegável que a situação histórica originária das desigualdades raciais atravessa o cotidiano desta população em todas as etapas de vida, frustrando o exercício de direitos e gerando danos psicológicos devido à reprodução das concepções desenvolvidas pelo racismo estrutural” (RUTE apud ALMEIDA 2020, p. 33). Assim, deve-se inferir que o racismo estrutural e gerontofobia são relações possíveis, já que esta marca subjetiva demarca como será a última etapa da vida do negro, e o medo de envelhecer para população está alicerçado provavelmente pela baixa qualidade de vida que vivenciaram como já percorrido. Por fim, levando em pauta o sistema necropolítico e o racismo estrutural que se correlacionam entre si, os pretos já *nascem condenados na terra* (FANON, 1961). Por fim, identificar peculiaridades da população ao que se refere ao acesso básico a direitos e saúde e fortalecer as já existentes, pode torna-se o caminho para estabelecer uma qualidade de vida melhor para o público e direito de envelhecer da mesma forma do público geral.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A gente combinamos de não morrer. Deve haver uma maneira de não morrer tão cedo e de viver uma vida menos cruel. [...] minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro.” (Evaristo, 2014, p. 117)

Pode-se inferir que o racismo estrutural em que o negro se desenvolve demarca os desafios durante o envelhecimento, quando o mesmo consegue chegar até essa etapa do desenvolvimento logo o idoso negro apresenta-se como minoria nesse recorte social embora envelhecer se configure como uma conquista advindo do avanço na medicina para o negro evidencia-se ainda mais as mazelas do racismo. Outrossim, a proposta do trabalho foi relacionar gerontofobia e racismo estrutural em que percebeu-se que são correlações possíveis visto que há uma demarcação de subalterno que acompanha os negros durante sua vida. Dessa forma, o projeto higienista do início do século se faz presente na vida da população preta.

Embora a gerontologia tenha aprofundado as discussões sobre envelhecimento e suas problemáticas, ainda existe uma escassez de pesquisas com o recorte de raça e o lugar social que o idoso ocupa assim o problema de escassez de literatura se fez presente durante a construção do artigo. Isto posto isso se faz necessário pensar políticas para esse público assim como o aprofundamento teórico para compreender suas nuances. Portanto, o Brasil apresenta uma marca da negação quando o assunto é o racismo e seus efeitos logo, o idoso negro não apenas sofre com os estigmas da velhice, mas também com o sofrimento advindo do ser negro.

As vias de termino é necessário rever as formas de como o idoso é visto, é necessário trata-lo como sujeito dotado de direito e rever estruturas que beneficiam apenas partes da população, logo a celebre frase da Conceição Evaristo, “ A gente combinamos de não morrer” é um grito contra o “ eles combinaram de nos matar” deve-se fazer presente de maneira diária pois, de maneira histórica o negro sobreviveu a margem de uma sociedade negacionista, a convocação feita por ela é um ato de resistência frente a todas as injurias que sofremos durante a vida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. (2018). **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento. Sueli Carneiro, Pólen. Coleção Feminismos Plurais. Ribeiro, D. (Org). Camarano, A, A. & Kanso, S. (2013).

Envelhecimento da População Brasileira: Uma Contribuição Demográfica. In: Freitas, E. V., Py, L. (Eds.), Cançado, F. A. X., Doll, J., Gorzoni, M. L. (Coaut.), *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. p. 133-152, São Paulo: Guanabara. Berger, Kathleen Stassen. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010).

Estatísticas de gênero mostram como as mulheres vêm ganhando espaço na realidade socioeconômica do país. Disponível em>

<https://censo2010.ibge.gov.br/noticiascenso?busca=1&id=1&idnoticia=2747&t=estatisticas-genero-mostram-como-mulheres-vem-ganhando-espaco-realidade-socioeconomica-pais&view=noticia>. Acesso em 01, Jun de 2022.

O desenvolvimento da pessoa: do nascimento a terceira idade. Rio de Janeiro: LTC 2016.

SOARES, Flávia Maria. **Envelhescência: o trabalho psíquico na velhice/Flavia Maria de Paula Soares**. 1.ed. – Curitiba: Appris, 2020. 177 p.; 23 cm – (Multidisciplinaridades em saúde e humanidades).

Creswell, J.W., & Clark, V. L. P. (2013). **Pesquisa de métodos mistos**. São Paulo: Penso Crossetti MGO. **Revisão integrativa de pesquisa na enfermagem o rigor científico que lhe é exigido** [editorial]. Rev Gaúcha Enferm. 2012 jun; 33(2):8-9.

Teixeira, S. M. O., Marinho, F. X. S., Junior, D. F. C., & Martins, J. C. O. (2015). Reflexões Acerca Do Estigma Do Envelhecer Na Contemporaneidade. *Estud. Interdiscipl. Envelhec.*, 20(2), 503-515.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

Fernandes-Eloi, J., & Lourenço, J.R.C. (2019). **Suicídio na Velhice – Um Estudo de Revisão Integrativa da Literatura**. Rev.CES Psico, 12(1), 80-95 **unitária: bases teóricas e metodológicas**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 49-75.

O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise/ organização Noemi Moritz Kon, Cristiane Curi Abud, Maria Lucia da Silva – 1.ed – São Paulo: Perspectiva, 2017.

RABELO, D. F., et al. (2018). **Racismo e envelhecimento da população negra**. Revista Kairós-Gerontologia, 21(3), 193-215. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC.Smolen, J. R. & Araújo, E. M. (2017).

Raça/cor da pele e transtornos mentais no Brasil: uma revisão sistemática. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(12): 4021-4030.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica. Arte & Ensaios**, n. 32, p. 123-51, dezembro, 2016.

Identidade nacional e necropolítica em “tenda dos milagres”. xxiv congresso nacional de linguística e filologia. denise, o. d. c, gildecy, o. l.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

MUNANGA, Kabengele. **Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil**. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.) *A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar*. São Paulo: Cortez, 1994.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. _____. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Bueno, Isabela Simões **Fazer viver, deixar morrer** : modos de operação do racismo da biopolítica a necropolítica. / Isabela Simões Bueno. – Curitiba, 2022. 1 recurso on-line : PDF.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracia**. 2.Ed. São Paulo: Editora 34, 2012

Envelhecimento da População Brasileira: Uma Contribuição Demográfica. In: Freitas, E. V., Py, L. (Eds.), Cançado, F. A. X., Doll, J., Gorzoni, M. L.

MEIRELLES S.M & MARTA C.R **A vulnerabilidade acentuada da pessoa idosa negra, no contexto atual de pandemia: uma herança escravista**. Universidade Católica do Salvador | Anais da 23ª Semana de Mobilização Científica- SEMOC | 2020.

Mapa da Violência 2021: Mortes Matadas por Armas de Fogo. . Disponível em: <
<http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2022/mapaViolencia2022.pdf>> Acesso em setembro de 2022.

INÊS S.D & SILVA C.B **Envelhecimento da população negra, desigualdade racial e qualidade de vida**. Aprovado em: 18/8/2017

Liliana Isabel Correia de Almeida Fernandes – **Gerontofobia: conceito ou preconceito?**
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Faculdade de Psicologia. 2012

SCHNEIDER, R. H. & IRIGARAY, T. Q. **O envelhecimento na atualidade: Aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais**.*Estudos de Psicologia*, 2008.SOCIEDADE

BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (2016). Mitos sobre o envelhecimento, 2016. <http://www.sbgg-sp.com.br/pub/mitos-sobre-o-envelhecimento/>. Acesso 4 janeiro de 2020.SPIGOLON, A. L. & SILVA, A. A. Os desafios do idoso no mercado de trabalho atual. *Revista AmericanaFatec Americana*, 6(2), 2018.

Teixeira, S. M. O., Marinho, F. X. S., Junior, D. F. C., & Martins, J. C. O. (2015). **Reflexões Acerca Do Estigma Do Envelhecer Na Contemporaneidade**. *Estud. Interdiscipl. Envelhecer.*, 20(2), 503-515.